

SIMBÓLICA DA NATUREZA NOS SERMÕES ANTONIANOS

A mestria hermenêutica e, à época, o inultrapassável conhecimento da Sagrada Escritura, viriam a justificar o qualificativo com que Santo António ficou conhecido para a posteridade ao ser canonizado: Doutor Evangélico.

No entanto, a sua obra sermonária, do ponto de vista hermenêutico obedece aos níveis de interpretação que atravessaram toda a filosofia e cultura medieval, particularmente quando assumiam a Sagrada Escritura como seu objecto, a saber, nível literal, alegórico, moral e anagógico.

No Prólogo dos Sermões, o Santo já adverte da utilização sistemática do método das concordâncias e, assim, do ponto de vista expositivo, os sermões aparentam um formidável e quase caleidoscópico tecido de referências escriturísticas, que, circularmente, vão concordando entre si, e vão assim explicitando os seus conteúdos, para, de modo conclusivo, retirar inequívocas conclusões de ordem moral e espiritual.

Esses ensinamentos são coerentes e constantes e, do primeiro ao último Sermão, há valores que se repetem e sedimentam no espírito de quem os lê ou ouve.

É o caso da *pobreza, humildade, paciência, a pregação da Palavra, a penitência, castidade, caridade, contemplação* e, em suma, todos os valores evangélicos, particularmente os mais diretamente ligados às Bem-Aventuranças.

No entanto, diria que além da Sagrada Escritura há outra referência essencial nos Sermões, o Livro da Natureza, que se vai desfolhando à medida que lemos os Sermões, e com não menos elações e interpretações de carácter moral espiritual.

Interessantemente esse Livro da Natureza, incrustado nos Sermões, tem a sua lógica própria, não discernível numa primeira leitura, mas não menos constante e coerente. Uma lógica que é essencial e inequivocamente simbólica.

Vejamos alguns exemplos, neste caso, um mineral, o bronze, um vegetal, a faia, e um animal, a cobra. Os seus conteúdos simbólicos organizar-se-iam do seguinte modo:

BRONZE-

EIXO POSITIVO

(Efeito sonoro das boas obras)

“O *bronze*, significa o efeito sonoro das boas obras.” (Dom, II, P/Pa, 7)

(Sonoridade da eloquência)

“O *bronze*, designa a sonoridade da eloquência.” (Dom, II, P/Pa, 5)

(Som da confissão e da perseverança final)

“O *bronze*, sonoro e durável, designa o som da confissão e da perseverança final.” (Dom, VII, P/Pe, 8)

(Sonoridade da palavra)

“O *bronze*, em que se designa a sonoridade da palavra.” (In Fe. Ap. Phi et Iac., 11)

(Penitência constante e acusatória) -

“O *bronze*, durável e sonoro, significa a penitência constante e acusatória.” (Dom, IX, P/Pe, 5)

(Pregação) -

“O *bronze*, da pregação.” (Dom, XXII, P/Pe, 5)

(Sentença eterna)

“O *bronze* figura a sentença eterna, a qual, por não ser atendida pelo iníquo, justamente se compara ao arco, que fere desde os esconderijos.” (Dom, XIII, P/Pe, 23)

(Divindade) -

“A serpente de *bronze* é Cristo, Deus e homem. O *bronze*, que não se consome com o andar do tempo, é a divindade: a serpente, a humanidade, levantada no madeiro da cruz por sinal da nossa salvação. Elevemos, portanto, os olhos, e olhemos para Jesus, autor da salvação.” (In Inv. Sac. Cr., 7)

EIXO NEGATIVO

(Preverso) -

“Os perversos são como canas de *bronze*, porque, à semelhança do *bronze*, repelem de si as setas da pregação e ao remoque da censura provocam o barulho da murmuração.” (Dom, I, P/Na. Do., 10)

(Hipócrita) -

“O *bronze* retine e parece-se bastante com o ouro. Assim o hipócrita ama o tinir do louvor e mostra um verniz de santidade.” (In Ca. Ieu., 2)

(Riquezas) -

“O *bronze* designa as riquezas, que soam muito.” (Dom, XXII, P/Pe, 7)

Sentido Dominante - Positivo

Significado Dominante - Sonoridade Sacral

Significado Específico - Sonoridade Sacral

Significado Desvio - Preversão, Hipocrisia, Vanglória, Riqueza

FAIA-

EIXO POSITIVO

(Contemplação celeste) -

“A *faia* tira o nome do facto de subir mais alto do que as outras árvores. Ao infundir Deus a graça no entendimento, sobe a *faia* da contemplação celeste.” (Dom, II, P/Pa, 8)

(Contemplativos dos bens celestes) -

“*Faia*, no étimo latino, significa ir além de todas as árvores e simboliza os contemplativos dos bens celestes.” (In Ass. Bea. Ma. Vir., 2)

(Vida celeste) -

“A *faia* designa a vida celeste.” (Dom, II de Ad., 19)

(Humildade) -

“A *faia* que tira o nome do facto de crescer mais do que outras árvores, significa a humildade, que se alevanta acima das outras virtudes.” (Dom, I de Ad., 11)

EIXO NEGATIVO

Sentido Dominante - Positivo

Significado Dominante - Contemplação celeste

Significado Específico - /

Significado Desvio - /

SERPENTE-

EIXO POSITIVO

(Humanidade levantada no madeiro da cruz) -

“A *serpente*, simboliza a humanidade, levantada no madeiro da cruz por sinal da nossa salvação.” (In Inv. Sa. Cr., 7)

(Medicamento – «Triaga») -

“Da carne da *serpente* chamada *thirus* faz-se a triaga, e da nossa carne fazem-se os medicamentos da alma, isto é, a penitência.” (In Fe. Pu. Bea. Ma. Vir., 3)

(Cristo) -

“A *serpente* de bronze é Cristo, Deus e homem.” (In Inv. Sa. Cr., 7)

EIXO NEGATIVO

(Sugestão diabólica) -

“O princípio da noite foi para Eva a sugestão diabólica da *serpente*.” (Dom, I, P/Na. Dom., 17)

(Sugestão diabólica) -

(Concupiscência carnal) -

“O *cedro*, afugenta com o odor da vida santa as *serpentes* da sugestão demoníaca e da concupiscência carnal.” (Dom, I de Ad. 11)

(Herege) -

“As *serpentes* e *escorpiões*, isto é, os hereges e os cismáticos.” (Dom, XXII, P/Pe, 5)

(Diabo) -

“Enquanto Adão jejuou no paraíso do pomo proibido, permaneceu inocente. Eis o remédio que matou a *serpente*, o diabo, e restituiu o paraíso perdido pela gula.” (In Cap Ieiunii., 2)

“A *serpente* é o diabo, que se aproxima ocultamente para tentar.” (In Lit., 7)

“A saliva do homem em jejum mata a *serpente*. Grande virtude a do jejum: cura as pestes da alma e vence a fraude do antigo inimigo.” (Dom, I, P/Oct. Ep., 7)

(Avarento) -

(Usurário) -

“Diz-se que a *serpente*, para não ouvir a voz do encantador, aplica um ouvido à terra e obtura o outro com a cauda. Infeliz o avarento ou o usurário que se priva de tamanho dom da natureza e da graça.” (Dom, II de Ad., 10)

(Povo que não escuta o pregador) -

“Sinal é de grande endurecimento quando o povo ouve a trombeta da pregação a cominar a morte eterna e não se assusta. Assemelham-se à *serpente surda*. Aplicam um ouvido aos bens terrenos e obturam o outro com a cauda da concupiscência carnal, para não ouvirem o som da trombeta, que encanta admiravelmente.” (Dom, XXIII, P/Pe, 1)

(Inveja) -

(Ira) -

(Rancor) -

(Ódio) -

“O *cedro*, cujo aroma afugenta as *serpentes*, é a caridade, que afugenta do coração do justo as *serpentes* da inveja, da ira, do rancor e do ódio.” (In Fe. S. Ioa. Ev., 12)

(Luxúria) -

“A *serpente*, designa o pensamento da venenosa luxúria.” (Dom, XXI, P/Pe., 4)

(Astúcia) -

“...A astúcia da *serpente*.” (Dom, XVI, P/Pe, 4)

Sentido Dominante – Negativo

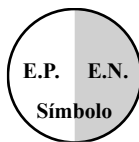
Significado Dominante – Sugestão diabólica, Diabo

Significado Específico – Humanidade levantada na cruz, Triaga

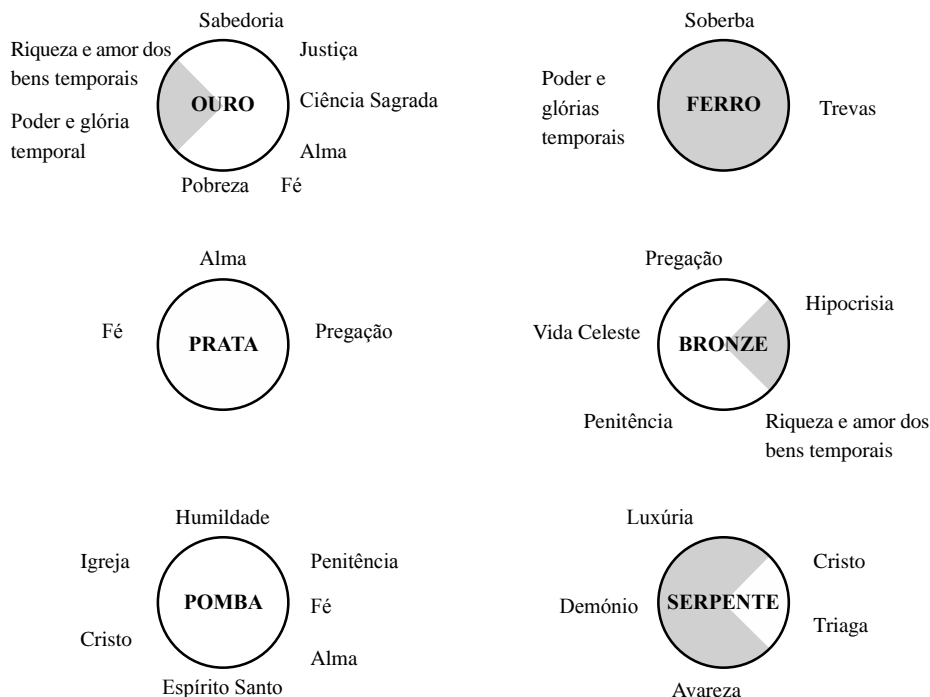
Significado Desvio – Humanidade levantada na cruz, Triaga, Cristo

Ora todos os minerais, vegetais e animais podem ser interpretados simbolicamente a partir desta estrutura que, não sendo visível e manifesta na composição dos sermões, como que constitui uma espécie de sub-solo simbólico, presente do primeiro ao último dos Sermões.

Um aspecto que é digno de relevo, e que se pode constatar facilmente a partir da análise apresentada, consiste na oscilação constante entre Eixo Positivo e Eixo Negativo, que condiciona a possibilidade de significação de cada símbolo. Dir-se-ia que esses são mesmo os parâmetros fundamentais a partir dos quais se ordenam os conteúdos semânticos que dão significado a cada símbolo. Essa oscilação entre Eixo Positivo e Eixo Negativo, entre «Treva» e «Luz», que terá consequências ao nível da reflexão metodológica, surge mais manifestamente se visualizarmos graficamente o sentido subjacente a cada símbolo numa representação do seguinte tipo:



Vejamos alguns casos mais significativos:



Estas «constelações semânticas», caracterizando a significação de cada símbolo, dão-nos uma noção precisa do modo como todos eles oscilam entre uma valoração moral positiva e/ou negativa, de «claridade» e «obscuridade», que não é mais senão a sua própria condição de significação.

Por outro lado, como verificamos, é frequente o mesmo símbolo percorrer vários sentidos e valores, do positivo ao negativo.

Este «trânsito», embora não destrua a identidade de cada valor em si, é índice de uma polivalência e plurisignificação que os próprios símbolos assumem no interior dos quadros semânticos fundamentais da obra como se fossem não só monadas expressivas mas também monadas móveis.

Neste contexto, é significativa a expressão de Jean Chevalier quando afirma: «*O símbolo assemelha-se à flecha que voa e que não voa,*

imóvel e fugitiva, evidente mas inatingível (...). Os símbolos são sempre pluridimensionais. Eles exprimem relações terra-céu, espaço-tempo, imanente-transcendente, como o corpo virado para o céu ou para a terra. Esta é uma primeira bipolaridade. Existe uma outra: síntese dos contrários, o símbolo tem uma face diurna e uma face nocturna (...). Em vez de se fundamentar no princípio do terceiro excluído, como a lógica conceptual, o símbolo pressupõe pelo contrário, um princípio de terceiro excluído, quer dizer, uma complementaridade possível entre os seres»¹.

Esta expressão poder-se-ia aplicar integralmente à simbólica da natureza antoniana.

De facto, todos os símbolos tendem a realizar a um nível profundo a unidade global que está presente na Criação e que, neste caso, indicará uma harmonia de toda a Natureza criada, animal, vegetal e mineral em relação ao Criador.

A simbólica da Natureza, que só se compreende na sua organização interna, convergindo para a sua dimensão pragmática, abre-se deste modo à dimensão mística e contemplativa, escopo último da vida do Santo.

Podemos afirmar que a interpretação do significado profundo da analítica estrutural apresentada, nos obriga a ultrapassar a lógica dessa mesma análise.

Como vimos, ela assenta na repartição lógica dos conteúdos semânticos de acordo com uma estrutura invariável, estrutura essa que obedece ao princípio da não contradição lógica e da alteridade significativa entre conteúdos positivos e conteúdos negativos. Ora o pensamento antoniano, quer do ponto de vista expressivo, quer do ponto de vista da composição dos seus conteúdos, apresenta-se-nos de modo a

¹ Chevalier, Jean, Dictionnaire des symboles, Paris: ed. Seghers, 1973, p. XII e XIII.

dissolver as aparentes contradições desses mesmos conteúdos, através de uma lógica que não é mais conceptual, mas genuinamente simbólica.

É esta superação harmoniosa dos contrários, presente indelevelmente na multiplicidade organizada da criação que o Santo de forma lapidar representou através do símbolo que, na nossa perspectiva, condensa paradigmaticamente toda a simbólica da Natureza antoniana, a *Serpente de Bronze*: «*A serpente de bronze é Cristo, Deus e homem. O bronze, que não se consome com o andar do tempo é a divindade; a serpente, a humanidade, levantada no madeiro da cruz por sinal da nossa salvação. Elevemos, portanto, os nossos olhos, e olhemos para Jesus, autor da nossa salvação*»².

O *Bronze*, neste caso símbolo da divindade, e a *Serpente* que, como vimos era um símbolo predominantemente negativo, simbolizando neste caso a «humanidade erguida na Cruz», unem-se conduzindo-nos a Cristo e, desse modo à região da salvação, para além da representação moralizante do «bem» e do «mal».

De um ponto de vista metodológico, constatamos algo de grande interesse.

Se a análise nos permitiu aceder a um nível de significação mais profundo que o da manifestação textual, a sua interpretação obriga-nos a transitar de uma lógica do signo para uma lógica do símbolo. Por outro lado, faz-nos reencontrar nesse mesmo nível simbólico afinidades com procedimentos estilísticos dominantes no nível da manifestação textual.

Parafraseando Thomas Merton, poder-se-ia afirmar que os símbolos naturais, tal como surgem nos Sermões, «(...) não são apenas um sinal indicativo veiculando informação sobre um objecto religioso, uma revelação, uma verdade teológica, um mistério de fé. Eles são o «corpo» desta verdade, um «sacramento», através dos quais participamos na

² In Inv. Sa. Cr. 7.

presença religiosa d'Aquele que salva e ilumina (...). Os símbolos não cobrem simplesmente a distância fazendo com que o crente esteja unido com Deus (...). Eles fazem muito mais: abrem o «olho interior» do crente, o olho do coração»³.

É neste sentido que podemos falar de um excesso de razão semelhante àquele que o Santo indicia na «alienatio» e particularmente na «sublevatio» místicas⁴.

As faculdades do crente são distendidas ao máximo, atingindo um «certo estado estranho de ânimo»⁵ dominado por uma união onde prevalece um intenso estado afectivo.

Poder-se-ia assim dizer que a razão «sucumbe», pois outra via mais profunda foi encontrada para estabelecer a união mística.

Ora este princípio encontra o seu correlato no modo como é elaborado o próprio texto antoniano, onde o encadeamento sucessivo de imagens, símbolos e alegorias supera qualquer tentativa de estabelecer uma exegese fundamentada exclusivamente na organização lógica dos Sermões, ou no significado racional do discurso.

O método das concordâncias proporciona, de facto, um «excesso de significação» e, necessariamente, um «excesso de comunicação», provocando no espírito do auditor ou do leitor uma «osmose afectiva»⁶, que envolve, entre outras referências, os elementos da Natureza, os textos escriturísticos e os textos da tradição patrística.

³ Merton, Thomas, *Symbolism, communication or communion?* in *Love and Living*. London: ed. N. B. Stone and P. Hart, Sheldon Press, 1973, p. 514., autor já referido por Carlos Henrique Carmo Silva, op. cit., p. 176.

⁴ No Sermão da Conversão de S. Paulo(11), Sto. António define a «alienatio» e a «sublevatio» nestes termos: «*Advirta-se que a doçura da contemplação é dupla: uma no afecto, e esta é da vida, e outra na inteligência, e esta é da ciência. Uma realiza-se na elevação do espírito, outra na sua alienação. Há elevação do espírito quando a vivacidade da inteligência, divinamente iluminada, transcende as metas do esforço humano, sem todavia atingir a sua alienação a ponto de ficar acima de si aquilo que vê. No entanto não se afasta completamente do habitual. Há alienação da mente quando a memória das coisas presentes desaparece do espírito e atinge, através da transformação do divino operar, um certo estado estranho de ânimo, fora do esforço humano*», Santo António de Lisboa, *Obras Completas*, Ed.Lello e Irmãos, Porto,1987, vol II. Utilizaremos sempre esta tradução de Henrique Pinto Rema Sobre o tema da «alienatio» e da «sublevatio» ver particularmente Maria Cândida da Costa R. M. Pacheco, Sto. António de Lisboa, a Águia e a Treva, Lisboa: Imp. Nacional Casa da Moeda, 1986, p. 80 a 87.

⁵ Carlos Henrique Carmo Silva, op. cit., p. 158.

⁶ *Ibidem*, p. 158

É esta «região de verdade», a que a razão (*ratio*) e a palavra, entendida estritamente do ponto de vista linguístico, não conseguem aceder, que é inaugurada pelo percurso incansável dos símbolos.

O facto de a nossa hermenêutica se situar no plano simbólico, abre a possibilidade de *trazer à luz* procedimentos não dominados conscientemente pelo Santo, sem que isso lhes retire o valor e a importância no conjunto de significação e sentido dos Sermões. De facto, é consensualmente admitida a íntima relação entre a função simbólica e a *parte submersa do iceberg*, que desde Freud, representa imagetivamente os diferentes níveis da nossa vida psíquica.

Mas, inesperadamente, não é isso que acontece.

Lemos no Sermão do *Domingo da Quinquagésima*(14): “*O Senhor sabe curar os contrários com os contrários*”. E no Sermão do *Primeiro Domingo da Quaresma*(3-4) ainda é mais explícito: “*O Filho de Deus (...)veio restaurar o mundo desfigurado pelos pecados e, como médico, sarar os doentes; convinha que curasse os contrários com os contrários, tal como sucede à arte da medicina em que as coisas frias se curam com as coisas quentes e as quentes com as frias.*” (...) “*Obedecendo a Deus Pai, restaurou o perdido, curou os contrários com os contrários*”.

Embora esta intuição noética não se repita, ela vem confirmar toda a estrutura simbólica, que qual rede de significação e sentido, está presente ao longo dos Sermões. Creio que podemos mesmo afirmar que com estas palavras o Santo define a ideia-princípio que norteia toda esta estrutura simbólica.

Assim, se no plano ético e moral o discurso de Sto.António é meridianamente inequívoco traçando sempre muito claramente a linha que separa o bem do mal, nas ações, no coração e no pensamento humano, o

modo como ele interpreta ontologicamente a realidade, mais precisamente a criação, é de uma subtileza heraclitiana, pouco comum nos autores da sua época e da sua escola, mesmo tendo em conta a ontologia de S.Boaventura fundada no princípio da analogia. E, interessantemente, Cristo sugere-nos aqui como mestre e médico, curador da realidade através do ancestral princípio da harmonia e da conciliação dos contrários.

Nos sermões constatamos uma constante superação de uma lógica racionalista e dialética, por exemplo muito presente em Sto.Anselmo ou S.Tomás de Aquino, fundamentada no princípio da não contradição, em direção a uma lógica da complementaridade, assente na superação dos contrários.

É essa lógica ou não lógica , como já referi, que abre caminho a uma superação da própria razão tendo como horizonte o domínio da mística contemplativa, o que acaba por ser convergente com uma interpretação simbólica da realidade.

E é essa superação da razão a que o Santo se refere quando escreve no sermão do *Segundo Domingo da Quaresma*(9):

“Atendendo àquilo que se diz no Genesis, ao nascer Benjamim morreu Raquel. Por Benjamim designa-se a graça da contemplação, por Raquel a razão humana. Ao nascer, portanto, Benjamim, morre Raquel, porque, quando o entendimento, elevado acima de si mesmo na contemplação, divisa alguma coisa acerca da luz da divindade, toda a razão humana sucumbe. A morte de raquel é a falta de razão. Por isso, disse alguém: Ninguém chega pela razão humana aonde S.Paulo foi arrebatado” .

Como sabemos Sto.António de Lisboa é essencialmente conhecido pelos seus dons taumatúrgicos, por ser um pregador de grande eloquência e ânimo inquebrantável, por ter um conhecimento tão amplo e profundo da

Sagrada Escritura que fizeram dele, à época, uma autêntica arca de saber escriturístico.

Se este pequeno trabalho tem alguma virtude ela será a de mostrar um Santo António com uma visão intuitiva e coerente do mundo enquanto unidade ontológica, e alguém que não só foi tocado pela graça da contemplação, mas também soube traçar no mundo exterior e interior um roteiro para que o seu semelhante, de algum modo, a essa graça pudesse aceder. Se quisermos, um Santo António filósofo, místico e contemplativo.

No fundo são duas facetas da mesma riquíssima personalidade. E em ambas se poderiam gravar as palavras que ele repetidamente escreveu: *: A sabedoria do Criador resplandece na matéria criada.*

José Acácio Castro